

Vasco Pereira da Costa lança amanhã na Biblioteca Pública de Ponta Delgada “Os Contos”

“A Cultura devia estar na dependência da Presidência do Governo”

Ler Vasco Pereira da Costa é sempre um regalo!

A sua escrita é um deleite; uma mescla de erudição, lirismo e, sobretudo, um finíssimo sentido de humor.

Homem de algumas artes e outros tantos ofícios, encontramos na Cultura a centelha que move este orgulhoso açoriano, angrense, rendido aos encantos coimbrões.

Vasco Pereira da Costa celebrou muito recentemente os seus cinquenta anos de vida literária, e lança este mês, 14 de Novembro, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, mais um livro, *Os Contos*, ed. Letras Lavadas, onde reúne os principais contos, dispersos por edições esgotadas, praticamente impossíveis de resgatar.

Começemos pelo lugar inicial: Angra. De que forma a cidade património influencia a sua produção literária?

Até aos dezoito anos, vivi em Angra do Heroísmo, nascido que fui na rua Direita. A cidade ainda não era consagrada unescamente, se bem que, no meu ponto de vista terceirense, fosse patrimonial, considerada por Antero terra de fidalgotes pobres. Orgulhosa do seu passado, mercê do labéu do impante Garrett, acolhera muita nau Catrineta, algum arreganho bragançano, muita utopia liberal, muito latim clerical e abispado.

Na sua dimensão exígua e aburguesada, mantinha um conservadorismo rotineiro consentâneo com o regime fascista onde surgiam personagens que, em literatura, se designam por *personagens planas*. Estas foram acolhidas e remodeladas no meu labor literário.

Por outro lado, por entre este conservadorismo acomodaticio e salazarento, sussurrado e precavido, emergiam sinais de inquietação e de insatisfação. Apercebendo-me das duas faces sociais, afeiçoei-me à tendência do revirinho e, assim, recusei desperdiçar o meu tempo nas militâncias da Mocidade Portuguesa aos treze anos.

Como era o Vasco menino?

Mais rapaz do que menino, os meus pais tinham um pequeno (mas cuidado) comércio de pastelaria que obrigava a trabalho sem descanso todos os dias – sem domingos nem feriados.

Eu era o caçula de três irmãos e, não raras vezes, era encaminhado para a casa dos tios maternos mais velhos, moradores em São Carlos, então um curato com todo o fascínio de ruralidade pacata, a fim de que não perturbasse a lida constante lá por casa. Tive uma infância normal como todas as crianças: muitos amigos e muitas tropelias.

A partir dos doze anos fui cooptado para o trabalho, seguindo o velho ditado de que *o trabalho do menino é pouco, mas quem o dispensa é louco*.

Contudo, à medida que ia crescendo, fui-me apercebendo da minha inépcia para o negócio e interiorizei que deveria aplicar-me ao estudo para alcançar outro modo de vida. Já espigadote, fiz teatro, rádio e os primeiros escritos que levaram sumiço no terramoto de 1980, desconhecendo hoje o que por lá se passava entre linhas.

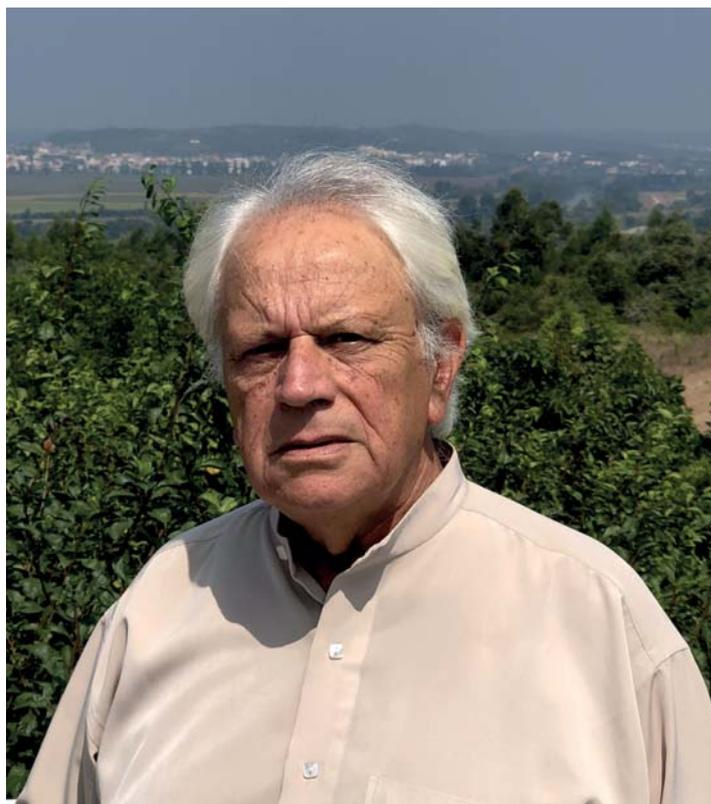
E, assim, aos dezoito anos, trepei o portaló do velho e tombado vapor Lima (recompensa da I Guerra...) e rumei à imaginária e anterior *encantada Coimbra*.

Convém, no entanto, referir que esse tempo da infância e puberdade ficou, para sempre, marcado por um sentimento de pertença à minha cidade e à minha ilha: território cultural e emocional marcado por eles irrefragáveis que me moldaram a consciência e o modo de encarar o mundo – ambiente, meio, familiares, amigossão bens e afeições que prezo e conservo.

Angra e Coimbra: o que lhe ofereceu na vida uma que a outra não tinha para lhe dar?

Apesar da condição insular, Angra tinha arremedos de bulício cultural – suplementos literários, teatro, rádio, concertos – que convidavam à participação e ao entusiasmo. Eram os anos sessenta: através da base americana acedíamos aos Beatles, Rolling Stones, Shadows, Bob Dylan.... Mas havia colegas e parentes nossos na guerra colonial, ouviam-se tiros disparados no Monte Brasil, Mafra era uma expectativa sombria... algo estava mal, muito mal no sorumbático mundo salazarento.

Ao chegar a Coimbra, a Faculdade de Letras desiludiu-me: era uma velha senhora conservadora, caturra, sebenteira, catedralícia, sobranceira, arrogante, emproada. Valeu-me ter sido acolhido na *Residência dos Estudantes Açorianos*, onde encontrei companheiros mais velhos que foram decisivos para a minha formação cívica, académica e universalista. E tomei consciência da nossa unidade arquipelágica. Acedi a revistas como *Vértice*, *Seara Nova*, *O Tempo e O Modo*; o Taxeira dos jornais aprendera a anunciar na Praça da República *Lisboa-Capital-República-Popular*; Sartre, Marcuse, Russel, Marx misturavam-se às leituras dos presencistas, neo-realistas e contemporâneos desembaraçados dos chavões; as livrarias eram um chamamento apaixonante e, quando não tinham o livro censurado, havia sempre alguém que o encontrava e



cedia, até os canhestros poemas de Mao...; *O Delfim* de Cardoso Pires foi (e ainda é) a grande lufada na minha vida. E, inevitavelmente, o Maio 68 chegou a Coimbra em Abril 69 com luto académico, greve aos exames... e Mafra cada vez mais perto. Enfim, na Faculdade obtive o canudo, mas a minha formação cívica e intelectual fez-se fora do ambiente constrangedor das suas paredes. Foi na comunidade estudantil e no espaço *futrica* que descobri a *encantada Coimbra*, que, na minha opinião, só é tolerável quando se observa do avesso.

Passaram já mais de cinquenta anos desde a sua estreia literária. Que balanço faz desse tempo?

Poderá ser paradoxal, mas três quartos de século passados cruzaram o meu mundo a uma velocidade supersónica.

Apesar disso, ainda não fechei o armazém, porque atemoriza-me a quantidade da mercadoria que fui arrecadando em todos os continentes. De tal modo que não sei por onde começar: cada dia vem acrescentar, e não diminuir, o desassossego: há sempre palavras que pedem arrumo, dia após dia.

O Vasco é um homem da Cultura e das artes. Dentro da literatura

tem obra publicada em vários géneros literários, quer no modo lírico quer no narrativo. Qual o que lhe traz mais satisfação?

Qualquer texto literário é visceralmente poético no sentido em que intenta instaurar novas significações naquilo que já foi dito e escrito há milhares de anos.

Tudo assenta na capacidade de criar, de inventar sintagmas que possam ser acolhidos no futuro incerto. Poucos são os intemporais ou apenas reconhecidos muito tempo depois do acto da escrita. Os olímpicos são raros: os poetas homéricos, Dante, Petrarca, Camões, Baudelaire e outros (poucos) que tais. Pessoa ainda não passou por esse fino crivo temporal...

Um homem que já fez tanto pela cultura portuguesa e açoriana, em particular, como olha a cultura no arquipélago? Que futuro cultural antecipa para os açorianos das gerações vindouras?

Por favor, modere-se: esse tanto foi o pouco que as circunstâncias permitiram... Sobre o futuro cultural não vou pronunciar-me por falta de dados para uma fundada apreciação.

Continua na página 4